

Continente e conteúdo

Mídia e sociedade na América Latina

**Universidade Federal do
Rio Grande do Norte**

Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

**Diretor do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes**

Herculano Ricardo Campos

Diretora da EDUFRN

Margarida Maria Dias de Oliveira

Vice-diretor da EDUFRN

Enoque Paulino de Albuquerque

Editor da EDUFRN

Helton Rubiano de Macedo

Conselho Editorial

Margarida Maria Dias de Oliveira
(Presidente)

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Anna Emanuella Nelson dos S. C. da Rocha

Anne Cristine da Silva Dantas

Carla Giovana Cabral

Edna Maria Rangel de Sá

Eliane Marinho Soriano

George Dantas de Azevedo

Kerstin Erika Schmidt

Maria da Conceição F. B. S. Passeggi

Maria de Fátima Garcia

Maurício Roberto Campelo de Macedo

Nedja Suely Fernandes

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Regina Simon da Silva

Rosires Magali Bezerra de Barros

Tânia Maria de Araújo Lima

Tarcísio Gomes Filho

Fábio Resende de Araújo

Maria Aniolly Queiroz Maia



Editora Sulina

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Laranjeira – UTP

Carla Rodrigues – PUC-RJ

Ciro Marcondes Filho – USP

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP

Erick Felinto – UERJ

J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Marcelo Rubim de Lima – UFRGS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Michel Maffesoli – Paris V

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Pierre le Quéau – Grenoble

Renato Janine Ribeiro – USP

Rose de Melo Rocha – ESPM

Sandra Mara Corazza – UFRGS

Sara Viola Rodrigues – UFRGS

Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

Continente e conteúdo

Mídia e sociedade na América Latina

Sebastião Guilherme Albano



© Sebastião Guilherme Albano, 2014

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Revisão técnica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A326c Albano, Sebastião Guilherme
 Conteúdo: mídia e sociedade na América Latina /
 Sebastião Guilherme Albano. -- Porto Alegre: Sulina, 2014.
 239 p.

ISBN: 978- 85-205-0725-4

1. Ciências Sociais - América Latina. 2. Comunicação – América
Latina. 3. Mídia – América Latina. 4. Cultura – América Latina.
I. Título.

CDU: 301(7/8)

CDD: 300

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS
Fone: (0xx51) 3311.4082
Fax: (0xx51) 2364.4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Dezembro/2014

Sumário

Cinema, política e sociedade na América Latina:

novos caminhos? 7

Victor Jiménez

Nota introdutória 9

Narrativas de convergência 13

Imagens de consenso 65

Cosmopolíticas 99

Intertextos..... 133

Declínios da autoridade/ascensões do leitor 167

Ar de família..... 191

Referências bibliográficas 223

Para o Estêvão
Para a Eny

Cinema, política e sociedade na América Latina: novos caminhos?

Víctor Jiménez¹

Sebastião Guilherme Albano propõe uma reflexão ambiciosa sobre as relações entre o cinema, a imprensa, a literatura e as sociedades da América Latina. Com efeito, não é possível nos aprofundarmos demasiado na natureza dos primeiros sem saber o que ocorre na sociedade que os produz e a que eles aspiram comentar. Sem embargo, no caso da América Latina existe igualmente outro ator, ao que Sebastião Guilherme Albano não perde de vista: os Estados Unidos também fazem parte do jogo. Quem ignora que em algum momento a análise de temas latino-americanos deve incluir o país do norte? No México sabemos bem desse tema.

Enquanto que para a maioria dos mexicanos a América Latina é quase uma abstração (são poucos os que estiveram no Brasil, por exemplo, ou noutro país da América do Sul), os Estados Unidos são uma presença concreta. Palavras como “política”, “trabalho”, “família” e “férias” estão entramadas com os Estados Unidos. No que concerne à política, ninguém no México pensa que possa haver alguma eleição presidencial cujos resultados não foram determinados em Washington. Podemos seguir com outras esferas da vida: o garçom que te atende já trabalhou em Chicago; a classe média elege para suas férias uma praia ou zona arqueológica mexi-

¹ Víctor Jiménez é professor da Faculdade de Arquitetura da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Atualmente dirige a Fundación Juan Rulfo, uma entidade sem fins lucrativos que busca organizar e divulgar a obra do maior autor mexicano do século XX.

canas porque são baratas e deve economizar, mas não hesita em se endividar ao levar os filhos a Los Angeles e a esposa a Las Vegas. Parece maravilhoso? Não obstante isso, uma parcela dos setores mais educados da sociedade mexicana não esconde que somos parte da América Latina, e foram a literatura e o cinema, em que pese a existência de Hollywood, os âmbitos discursivos que mais contribuíram para a fixação dessa noção.

Por certo, em textos como “Cosmopolíticas” e “Imagens de consenso” Sebastião Guilherme Albano dá conta da vertente histórica da formação desses impossíveis projetos de identidade, tema hoje bastante distante de uma abordagem satisfatória. O livro que ele agora oferece compõe uma parte importante de seu pensamento acerca da América Latina. Nele, há uma profusão de temas (cinema, política, literatura, jornalismo, educação etc.) que se agrupam na sua ideia de consenso cognitivo da modernidade. Compreendendo modernidade como um processo longo e ainda em curso, o autor não faz as distinções típicas entre os intelectuais da região, que sempre buscam dividir o mundo entre aqui e lá e as idades históricas entre moderna e pós-moderna: para ele, o mundo e suas textualidades estão em contínua relação, inexistindo a possibilidade de fragmentos epistemológicos isolados e tampouco de um conjunto demasiado homogêneo. É com esse espírito que ele abarca os séculos XIX, XX e o que vai do XXI a fim de, antes que dar um diagnóstico, oferecer pontos de fuga por onde começar a atribuir sentido ao mundo contemporâneo sem se apegar mais do que o necessário aos significados autorizados pelos censores que regem essa semioesfera global.

Nota introdutória

Os seis estudos que conformam este livro, publicado pela Editora Sulina de Porto Alegre em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), apareceram anteriormente de uma maneira que julgo preliminar ou embrionária em periódicos científicos de relevância nacional e internacional. Busquei resumir neles algumas teses que também desenhei em outros lugares e em outros tempos, tais como a existência de um esforço de consenso cognitivo para a manutenção da inteligência da modernidade ou do capitalismo moderno e contemporâneo, malgrado em aparência uma das premissas do capitalismo seja a divisão do trabalho. Em tal caso, cabe ressaltar que o tópico do valor, material e/ou simbólico, permeia boa parte das reflexões em que insinuo essa propensão ao consenso, uma vez que o formato de sociedade em que vivemos necessita de instâncias que determinem os critérios de valoração e esses são bastante semelhantes em boa parte dessas instituições reitoras da modernidade. Li em algum lugar e ponderei de imediato que o capitalismo opera por axiologias.

Outra tese vale para o neologismo cosmopolítica, mais ou menos explorado na tradição recente das humanidades exercitadas principalmente nos Estados Unidos. Cosmopolítica estabelece que há uma dimensão da produção e circulação de formas discursivas e de cultura na atualidade que necessita de instrumentos que não apenas conduzam o marco jurídico do direito internacional, caso ele existir para além de acordos bilaterais ou multilaterais. Deve visar a legislar aspectos e proposições transculturais e transnacionais, vocábulos (bilaterais e multilaterais) inclusive bastante incertos em face do caráter claramente internacional, multinacio-

nal, transnacional da ideia de nacional (afinal os estados nacionais surgiram concomitantemente em boa parte do mundo e quase se pode dizer que foram uma invenção moderna e capitalista, haja vista suas divergências em relação a outros esforços de organização, tais como as cidades-estado, os feudos, os reinos etc.).

Enfim, a noção de cosmopolítica deve encerrar a impertinência de se estabelecer um programa de globalização, mesmo se o termo se concentrar tão-somente em aspectos econômicos e financeiros, que não leve em consideração a impossibilidade de se sustentar uma discrepância como a que ocorre, por exemplo, no mercado do cinema. Nele, Hollywood cria e distribui boa parte dos textos consumidos no mundo e inventa barreiras que não permitem que, em casa, a sociedade norte-americana desfrute de outras textualidades audiovisuais, obras realizadas em outros quadrantes do planeta.

Decerto há outras preocupações que sobressaem (as palavras-chave das ciências sociais e sua ingerência no mundo da vida; a história das relações entre meios de comunicação e educação formal na América Latina; a industrialização da produção, reprodução e circulação de romances e filmes, entre outras narrativas e discursividades; a simbiose entre o estado e os meios na região; os vínculos entre a multidão, a mídia e os movimentos sociais; a renovação intelectual ocasionada pela digitalização do conhecimento, entre outros), mas consenso cognitivo e cosmopolíticas são mesmo as principais senhas de acesso aos sentidos que permeiam os estudos que ora dispomos em livro. Como é notório, são elas que lançam os principais sinais para o que devem atentar os leitores ao momento em que deparam não apenas com os textos em si, mas com os fenômenos que por ventura esses consigam evocar ou mesmo criar.

No mais, resta-me agradecer ao diretor do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Herculano Campos, pelo apoio institucional,

e à Coordenação de Capacitação do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que me proporcionou a bolsa de pós-doutorado com a qual pude viajar pela América Latina e pelos Estados Unidos e reunir a documentação necessária para a complementação dos estudos ora apresentados neste volume.

Sebastião Guilherme Albano